

## **EDUCAÇÃO FÍSICA NO MATERNAL II: SEM ESSA DE “GALINHÃO”.**

Simone Alves

*Quero inicialmente informar ao leitor que as narrativas apresentadas no trabalho merecem maior aprofundamento o que poderá ser realizado num estudo posterior, pois devido o texto ser um relato de prática, essas análises não foram o foco de uma profunda investigação, deste modo as leituras dos discursos das professoras de apenas duas unidades escolares e dos textos utilizados apontam num breve recorte as interpretações por mim obtidas, sem a pretensão de afirmar ser esta a única interpretação cabível, bem como de ser esta a característica geral da rede Municipal de Várzea Paulista.*

### Identificação do contexto escolar

A escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil EMEFEI Manoel Caetano de Almeida está localizada na cidade de Várzea Paulista (SP). Foi inaugurada em Março de 2000 com a denominação de EMEFEI Jardim Felicidade e em Maio do mesmo ano recebeu o atual nome.

Atende nos períodos manhã e tarde, 10 turmas de ensino fundamental e 06 turmas de Educação Infantil. As crianças matriculadas nesta unidade escolar são moradoras de vários bairros, e devido à escola estar situada numa região de divisa com Campo Limpo Paulista, atende também crianças moradoras da cidade vizinha. De acordo com pesquisa realizada pela escola, os pais, em sua maioria, trabalham em indústrias de Várzea Paulista e de cidades como Jundiaí e Campo Limpo Paulista. A maioria possui Ensino Médio completo com índice maior entre as mães. Grande parte das famílias mora em imóvel próprio ou de um familiar (casas no mesmo quintal), ou em apartamentos, e as crianças, quando não estão na escola, de modo geral, ficam aos cuidados de familiares, geralmente avós e algumas, aos cuidados da própria mãe.

Iniciava em 2010 o trabalho nesta escola e também na Educação Infantil, com três turmas do período da tarde, sendo que escolhi para relatar as práticas pedagógicas realizadas em uma das turmas composta por 15 crianças com seis meninos e nove meninas registradas na PRODESP<sup>1</sup> como Maternal II. Esta turma de Educação infantil,

---

<sup>1</sup> Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo.

assim como as demais da rede, é atendida por dois docentes, sendo a professora titular de sala e um professor ou professora da disciplina de Educação Física.

Como até este momento não havia ministrado aulas para turmas da Educação Infantil, encontrava-me com grande curiosidade diante deste contexto, pensava: “como lidar com crianças tão pequenas”?

Desse modo, notei que precisaria conhecer o projeto político da escola, a rotina dos alunos, o planejamento e planos de aulas, bem como as representações das próprias crianças. Realizei na primeira semana do ano letivo algumas buscas que pudessem contribuir para a compreensão desta nova experiência pedagógica.

Primeiramente, fiz alguns contatos com o corpo docente desta unidade escolar, como também da outra unidade. A maioria das profissionais com quem falei trabalha com o ensino fundamental, eram professoras que tinham experiências pedagógicas de anos, já outras, de décadas. Já o contato com as professoras de Educação Infantil ocorreu com as professoras das duas turmas da etapa II<sup>2</sup> uma vez que as aulas no maternal ainda não haviam sido atribuídas, e estavam sendo ministradas pelas professoras do ensino fundamental que faziam horas extras de trabalho.

Nesses contatos, notei que várias foram as respostas que tentavam apontar as características deste contexto e evidenciar as experiências pedagógicas que teria. Algumas “frases de aconselhamento” foram marcantes: *“Para dar conta, você tem que ser meio galinhão!”*, *“Não esquenta, é só brincar e não deixar ninguém se machucar!”*, *“Na Educação Infantil só brinca mesmo!”*. *“Você irá gostar tanto, que só vai querer pegar infantil!”* *“Por meio da brincadeira, você vai desenvolvendo o conhecimento da criança!”*

Após essa busca, verifiquei o Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar e constatei apenas duas referências a esta etapa da escolarização. A primeira é uma citação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), artigo 29<sup>3</sup> que se refere à finalidade da Educação Infantil, e outra versa sobre avaliação que atrelada ao artigo 31<sup>4</sup>, também retirado do mesmo documento, evidencia que as conquistas devem ser

---

<sup>2</sup> Crianças que completam 5 anos até março

<sup>3</sup> Art. 29A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

<sup>4</sup> Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

valorizadas para que se organize uma coletânea destes dados de modo a permitir ao professor ter uma visão evolutiva do processo, tendo o objetivo de revelar o que a criança já sabe e o que lhe falta.

Após verificar o PPP, analisei o documento que visa orientar a prática docente no Município intitulado “Proposta de Trabalho Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Paulista”. Encontrei neste documento a recomendação de que a Educação Infantil deve ser essencialmente lúdica, fundada na experiência e no prazer de descobrir e desvendar a vida. (Várzea Paulista, 2009, p. 10).

Para a faixa etária dos alunos da turma em questão são apontados alguns eixos norteadores, como afetividade, o ato de brincar, expressividade e experimentação e uma ênfase no cuidar. Pois segundo o documento acima referido: “A prática educativa baseada em procedimentos mecânicos deve ser superada pelo cuidado, atenção, carinho, aconchego, sem deixar de lado as necessidades básicas de higiene e saúde da criança” (2009, p. 12).

Para finalizar a busca sobre as peculiaridades desta turma, e que pudessem contribuir para direcionar o trabalho na Educação Infantil, recorri às coordenadoras da Educação Infantil do Município, as quais me esclareceram que, há cerca de três anos oficialmente a denominação para crianças que completam 3 anos até março é Maternal II e que estão começando a ser atendidas, em parte, nas EMEIs<sup>5</sup> e ainda em creches, por isso a única sala de maternal II era a que eu havia assumido, caracterizando assim algo “novo” para a própria rede. As coordenadoras disponibilizaram seus contatos para que eu pudesse procurá-las a fim de apontar as inquietações e os avanços com a turma.

Ao observar as indicações explicitadas nos documentos verificados, bem como as falas das professoras, percebe-se indicativos sobre a maneira com a qual compreendem a Educação Infantil, e como esta vem se caracterizando em Várzea Paulista. O documento fundamenta-se na idéia do brincar e cuidar, contudo esse vínculo revela a partir desses múltiplos olhares a construção de uma desvalorização da Educação Infantil e conseqüentemente dos profissionais que nela atuam.

Argumentos como os apontados anteriormente iam marcando a condição subalternizada da Educação infantil, de modo a atribuir pouco significado nas interferências pedagógicas proporcionadas pelas professoras. Situação apontada por

---

<sup>5</sup> Escolas Municipais de Educação Infantil

Macedo (2010). Para a autora, é ainda comum inferiorizar a professora ou professor que trabalha nesta etapa de educação, chegando a ocorrer em diversos sistemas de ensino, uma ausência da legitimidade, de reconhecimento, destes profissionais como professores.

A partir da leitura dos documentos, do diálogo com as professoras e coordenadoras e ainda da assertiva de Macedo, percebe-se, portanto, que compreender as relações existentes entre os diversos elementos responsáveis por uma ordenação e consolidação de determinados comportamentos pode não ser tarefa fácil, isso requer atenção, visto que esta ordenação busca delimitar as fronteiras. Essas relações sociais primam pela manutenção dos territórios que hierarquizam e estabelecem as assimetrias, silenciando as vozes dos diversos grupos que se encontram em desvantagem, que neste contexto são as professoras representantes deste nível de Educação. Logo, este subjugar, nesta unidade, tem legitimidade institucional, uma vez que os documentos verificados não vêm tratando a Educação Infantil como uma fase significativa no processo educacional.

Desse modo, ao propor o trabalho foi necessário considerar a necessidade de promover uma desestabilização do ideário pedagógico que subjuga este nível de Educação, foi pertinente pensar em uma ressignificação deste profissional da Educação cuja identidade está atrelada essencialmente as funções de zelo, marcando sua atividade como espaço de construção que busque despertar nos alunos e alunas a condição de interagir e contemplar aprendizagens que os levem a atuar na e sobre as produções da cultura. A proposta foi de um trabalho que atendesse às demandas educacionais, enfatizando um fazer pedagógico que evidenciasse as ações didáticas legitimadoras de uma prática significativa, contemplando ações abertas ao diálogo com a sociedade.

### Ações Didáticas

Na semana de adaptação<sup>6</sup>, ocasião de buscas por subsídios para a compreensão deste contexto, somente acompanhava os trabalhos da professora que estava na sala, que era do ensino fundamental e estava fazendo horas-extras de trabalho, pois a sala ainda não havia sido atribuída, tornando possível então encontrar diferentes professoras, chegando ao número de sete até a atribuição em março.

---

<sup>6</sup> Semana em que as crianças permanecem na Unidade Escolar pela metade do período (duas horas).

Com a intenção de evidenciar uma Educação com possibilidades de caminhar para além do que postulavam as fontes consultadas e legitimar a Educação Infantil, pautei o trabalho por questões apresentadas pelas crianças para que pudessem ter legitimados e ampliados os elementos de sua cultura corporal e ainda oportunizar o espaço para se manifestarem, valorizando a expressão de cada uma e não apenas ter a Educação Infantil como um local de promoção exclusiva do brincar, do cuidado e higiene.

O brincar é apontado nos documentos verificados como também nos discursos das professoras, como algo intrínseco às crianças, entretanto, Ariès (1973) aponta que no início do século XVII não havia distinção tão rigorosa entre brincadeiras e jogos de adultos e de crianças, os mesmos jogos eram comuns entre ambos.

Para Corazza (2002), a infância foi uma invenção surgida no bojo do advento da modernidade, esta passou a ser encarada com uma fase específica da vida, demandando uma parafernália de necessidades específicas não pensada anteriormente, entre elas, o brincar. Aos poucos, o brincar passou também a ter seu uso nas instituições educacionais.

A idéia não era de banir ou rechaçar a brincadeira no espaço escolar, nem tampouco impor as brincadeiras vislumbrando o desenvolvimento de habilidades motoras comumente atreladas a Educação Física, mas de considerar necessário valorizar a expressão cultural das crianças, assim legitimando-as como portadoras de saberes culturais que antecedem as experiências escolares, produzidas em outros espaços de convívio social.

Ciente dos objetivos organizei as ações que contribuíssem para identificar saberes culturais das crianças. Coletar informações a respeito das manifestações da cultura corporal relacionadas ao contexto social dos alunos e alunas foi o modo utilizado para conhecer seus saberes, saberes da comunidade. Como ponto de partida das ações didáticas, julguei necessário conhecer as práticas sociais pertencentes à comunidade, para que, partindo dos dados obtidos neste mapeamento, pudesse elaborar as ações didáticas sobre a manifestação que seria contemplada nas aulas.

Verifiquei junto às crianças as atividades vivenciadas em momentos extra-escolares, porém, disponibilizei um único modo para elas se expressarem, verbalmente. Esta ação didática em específico denota ainda algumas marcas na condução do trabalho,

e o modo de lidar com a diversidade. Ao considerar legítima somente uma expressão, acabei por negar outras, impedindo que fizessem uso da expressão artística ou corporal, por exemplo, tornando este momento bastante limitado.

A fim de coletar mais informações a respeito das práticas realizadas pelas crianças nos momentos extra-escolares, visitei o bairro da escola no final de semana, o que possibilitou notar crianças maiores que aquelas da Educação Infantil, e adolescentes realizando brincadeiras de pega, brincando com bicicletas, basquete na rua, atividades no parquinho do bairro (balanças, escorregador e bolas na areia).

Concomitante a estas ações, visando coletar alguns apontamentos sobre o cotidiano familiar no seu aspecto lúdico, encaminhei para as famílias, por meio da agenda escolar, duas questões: *Em locais que não seja a escola, quais brinquedos filho/filha costuma utilizar para brincar? (ex: Bola, boneca, carrinho, bicicleta, ou qualquer outro brinquedo). Em locais que não seja a escola quais são as brincadeiras preferidas de seu filho/filha sem que seja necessário utilizar brinquedos?*

Esse meio de investigação trouxe algo mais elucidativo que aqueles utilizados anteriormente. A partir destas questões, foram encontradas respostas relacionadas com os brinquedos: hominho (boneco), boneca e bola. De posse das informações levantadas no mapeamento, e notando que a bola foi o brinquedo presente entre meninos e meninas, oportuneizei a prática pedagógica com o mesmo.

Ao buscar trabalhar com um artefato pertencente à cultura infantil da comunidade, organizei ações para legitimar e ampliar seus conhecimentos a respeito de suas práticas. O trabalho foi se construindo em meio às dificuldades de comunicação, muitos choros, caracterizando inicialmente um distanciamento na relação dos discentes com a docente. Nas primeiras aulas levei algumas bexigas para podermos brincar e aproximar-me, visto que algumas crianças me estranhavam. As crianças gostavam de tocar nas bexigas tentando mantê-las no alto sem deixar cair no chão, quando caíam, sentavam-se sobre elas para estourá-las.

Propus atividades com bolinhas de sabão, eu fazia as bolinhas e algumas crianças tentavam agarrá-las, já outras gostavam de ficar assoprando para que a bolinha continuasse no ar. Em seguida, as crianças passaram a fazer as bolinhas.

Na atividade com as bexigas o intuito era de promover uma aproximação com as crianças. Com a de bolinhas de sabão, buscava ainda promover este vínculo. Entretanto

pretendia aproximar de atividade com bolas como apontado pelos familiares, o que de fato aconteceu, embora considere que aproximação não se deu somente à utilização desses materiais, pois é compreensível todas as manifestações de desconforto em seus primeiros dias de aula, pois estava ocorrendo seu afastamento da família, sua permanência por quatro horas diárias em local muito diferente de seus lares e na companhia de adultos e crianças desconhecidas.

A aula em que estávamos envolvidos com as bolinhas de sabão foi também a primeira aula em que as crianças saíram da sala para realizar as atividades de Educação Física, sala esta onde permaneciam a maior parte do tempo enquanto estavam na escola, sendo assim, temia pelas reações que as crianças poderiam manifestar devido esta mudança, entretanto, não manifestaram insatisfação, com exceção de uma aluna que chorou muito, já as demais crianças, ao chegarem à quadra, ficaram dispersas.

Notando ter havido grande dispersão entre as crianças, direcionei as ações buscando um modo de abordá-las conjuntamente para que pudesse realizar o trabalho utilizando o material apontado no questionário com as famílias. Para tanto, promovi um despertar da curiosidade da turma. Confeccionei dois sacos em TNT, um azul e outro vermelho para colocar dentro destes sacos os brinquedos (bolas) que seriam utilizados.

Na aula seguinte coloquei as bolas de diversas cores e tamanhos em um destes sacos, ação que repeti por algumas aulas, entretanto promovia a alternância de cores. Ao chegar à sala de aula as crianças vieram ao meu encontro com grande curiosidade sobre o que havia dentro do mesmo, de modo que algumas perguntas começaram a surgir: “*O que você trouxe aí?*” “*É para mim?*” “*Você vai me dar?*” Oportunizei a saída da turma, nos direcionamos à quadra, as crianças me acompanharam, e, ao chegarem elas sentaram em volta deste saco para certificar do que poderia haver lá dentro. Neste momento em que elas estavam reunidas, fiz alguns questionamentos: “*quem sabe o que pode ter aqui dentro?*”? Nas respostas iniciais surgiram bonecas, televisão, e bolas. Outras perguntas foram realizadas. *De que cor? O que podemos fazer com ela?* Na medida em que distribuía o material, notava que as bolas eram escolhidas pelas cores, sem estabelecer relação com uma prática sistematizada, eu os acompanhava em suas atividades. Algumas crianças só queriam brincar comigo, não aceitando brincar e nem mesmo a presença de outra criança. Pude notar crianças que abraçavam o material e se deitavam no chão, e em maior incidência, crianças que tentavam acertar o quadro de energia que fica na parede da quadra.

Observando na manifestação delas o interesse em acertar um alvo, distribuí na aula seguinte, vários baldes pela sala e organizei um modo para fazerem bolinhas de papel. Com essas bolinhas as crianças realizaram diversas atividades em sala. Jogaram para o alto, no amiguinho, mas também arriscaram a lançar nos baldes. Pude observar que várias crianças enquanto faziam essa atividade afirmavam estar jogando basquete. Neste dia não saímos da sala. Na aula posterior, fomos para a quadra, iniciei com a roda de conversa em volta do saco com as bolas e alguns pequenos arcos feitos com mangueira para jardim. Novamente, lancei a questão do que havia dentro do saco, mediante as respostas, perguntei como as bolas poderiam ser utilizadas, outra vez, ouvi “*para jogar basquete*”.

Torna possível então, considerar que as crianças se encontram contaminados pelos determinantes culturais nas quais estão imersas, e embora ainda sendo muito jovens elas vão se apropriando das culturas as quais acessam. Cabe lembrar que esta foi uma das manifestações encontradas na comunidade no dia em que ocorreu a visita.

Pensando em ações didáticas que dialogassem com os saberes das crianças, e tendo notado na aula anterior o interesse da turma em acertar um alvo e como as crianças afirmaram ter jogado basquete, pendurei os arcos em diferentes locais da quadra para que jogassem as bolas nestes arcos, o que não aconteceu. As crianças nesse dia insistiam em chutar as bolas. A qualquer chute, elas gritavam: gol!

Queria valorizar a expressão cultural das crianças, possibilitar uma ampliação de seus saberes, assim permitia e contribuía com as atividades emergidas a partir do brinquedo escolhido, entretanto essa mudança avaliada inicialmente como repentina, promoveu em mim um certo desconforto, dando a impressão de que estaria distante de promover uma ampliação e aprofundamento sobre alguma manifestação da cultura corporal.

Como essas turmas me foram atribuídas como complementação do bloco<sup>7</sup>, só ia à escola para ministrar as aulas. Participava do HTPC<sup>8</sup> e permanecia um tempo maior em outra unidade escolar, o que dificultava a minha interação com a escola Manoel Caetano. Diante disso, ao término da aula em uma conversa com a coordenadora pedagógica da unidade escolar, soube do Projeto Copa do Mundo de Futebol que havia

---

<sup>7</sup> Neste Município a Secretaria de Educação organiza todo final de ano as aulas de todas as unidades em blocos de 24 e 26 aulas. No momento da atribuição o professor/a diante de sua pontuação escolhe o bloco o qual irá trabalhar.

<sup>8</sup> Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

sido iniciado na escola com as crianças do ensino fundamental, e que só teria término ao final do semestre, sendo uma proposta para além de realizar práticas de futebol, fariam cartazes, bandeiras e outras construções relacionadas ao evento. Após essa conversa, fui encontrando algumas respostas para a mudança de interesse das crianças. Inferi que as crianças passaram a fazer algumas identificações com as práticas observadas naquele ambiente, construindo outras representações.

Quando as crianças realizavam as atividades, ia notando por meio de suas práticas e seus comentários, a troca de informações a respeito das manifestações vivenciadas. Querendo enfatizar uma manifestação apresentada pelas crianças e diante do interesse apresentado pelo futebol, preparei a condução das próximas aulas, pois sabia que o projeto com o ensino fundamental estava longe de acabar e continuaria a influenciar o dia a dia das crianças.

Levei as bolas e alguns cones de marcação<sup>9</sup>, os quais seriam utilizados como traves de gol. Com as bolas as crianças realizaram algumas práticas relacionadas ao futebol, e ao utilizá-las, elas também faziam comentários pertencentes à manifestação, assim ouvi dizer: “gol, falta, pênalti”. Entretanto, os cones não foram utilizados como havia proposto. Algumas crianças colocaram a bola sobre os mesmos e afirmaram ter montado sorvetes de diversos sabores.

Com a intenção de abordar uma manifestação da cultura corporal e ampliar as experiências educacionais sobre a mesma, organizei situações didáticas que possibilitaram aos meninos e meninas analisar distintos textos sobre a manifestação futebol, desse modo após algumas aulas as quais conversamos e praticamos atividades inerentes ao futebol, como *muitas brincadeiras de gol, brincadeiras que envolviam chutar a bola para outra criança, e quando esta não conseguia pegar era considerada gol. Brincadeiras de chutar a bola entre as traves da quadra e também por debaixo das pernas*. Levei a música “*É Uma Partida de Futebol*”<sup>10</sup>. Quando questionei do que falava a música que haviam ouvido, elas disseram que era a música do gol. Uma aluna afirmou que era igual à música que seu irmão (que estuda na mesma escola) ouviu antes de ir ao museu do futebol. Esta afirmação também contribuiu para indicar as identificações que as crianças foram fazendo com outras práticas escolares.

---

<sup>9</sup> Cones pequenos de 20 cm de altura

<sup>10</sup> Gravada pelo grupo Skank com Composição de Samuel Rosa E Nando Reis.

As aulas eram iniciadas com uma conversa ainda dentro da classe, momento em que eu os questionava sobre a aula anterior, era comum as crianças comentarem sobre as brincadeiras que já haviam realizado com as bolas, com ênfase ao futebol.

Para ampliar o repertório a respeito do futebol com a turminha, organizei também outro momento para que as crianças realizassem a aula junto com a turma da Etapa II<sup>11</sup> da Educação Infantil. Nesta aula, as crianças participaram com os mais velhos nas brincadeiras, ouviram histórias e experienciaram novas possibilidades a respeito da prática do futebol.

Aproveitando o evento da Copa do Mundo e trabalhando no sentido de promover a ampliação e aprofundamento sobre as práticas abordadas, passei então a levar o caderno de esporte do Jornal de Jundiaí<sup>12</sup> para que pudessem tomar contato e localizarem textos que evidenciassem jogos com bolas. Na sala de aula as crianças sentavam em forma de roda e eu distribuía e auxiliavam para que encontrassem os textos referente à manifestação estudada. Após identificarem a notícia, eles me mostravam e compartilhavam entre si sobre o texto encontrado. Os textos jornalísticos e promocionais foram utilizados no início de várias aulas para ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre as atividades com bola e a manifestação futebol.

Muitos destes textos traziam fotos de modalidades como vôlei e basquete, mas com grande ênfase, o futebol, assim, logo passaram a reconhecer alguns dos representantes da manifestação estudada, como por exemplo, o Dunga, Neymar, Robinho, Ronaldo, Kaká, entre outros. Reconheciam os jogadores pela vestimenta, e nos textos promocionais, ao verem uma luva, calção, “meião” e chuteiras, também associavam ao futebol. Às vezes até discordavam das análises realizadas por algum colega. Numa dessas leituras, uma criança me mostrou a foto de um jogador e disse que era “do palmeiras”, o amiguinho vendo o equívoco, afirmou: “*não é, é são paulino*”! Passaram a reconhecer o uniforme dos jogadores da seleção, e sabiam diferenciar do uniforme dos clubes<sup>13</sup> mais frequentes. Após realizarem a da leitura do jornal, juntos buscávamos os outros materiais que eram utilizados em quadra.

Nesta ação, em que as crianças ajudam a buscar o material tive a oportunidade de notar conflitos gerados por elas, ora estão bem evidentes, ora um pouco mais tácitos,

---

<sup>11</sup> Crianças que completam cinco anos até março

<sup>12</sup> Realizei a opção pelo jornal de outro Município, uma vez que a Cidade de Várzea Paulista não produz este tipo de mídia.

<sup>13</sup> Santos, Palmeiras, Corinthians e São Paulo

entretanto sempre presentes. Notei que a cor da bola influenciava as escolhas de modo distinto entre meninas e meninos. Com elevada frequência, a bola cor-de-rosa era a escolha preferida das meninas e as cores verdes e azuis, dos meninos.

Neste sentido aponto que essa questão das cores que marcaram as aulas, também é uma representação legitimada no cotidiano escolar, visto que as crianças estão muito atentas às práticas escolares e mesmo não negando os elementos que elas acessam em locais extras escolares, é possível perceber que a organização da sala também contribui para esta inculcação. Observando o cotidiano escolar, pode-se notar a consolidação de uma estrutura que favorece a validação de significados por meio de diversos textos construídos a partir de cores distintas entre meninos e meninas. Desta maneira, os nomes e fotos das meninas em cores rosa, e meninos em azul entre outras diferenciações semelhantes, contribuem para uma associação essencializada de cores pertencentes a meninos e meninas.

Com o semestre aproximando de seu final, organizei algumas ações didáticas para dar um aspecto de encerramento das aulas que abordavam a manifestação do futebol. Como já havia utilizado artefatos como música e jornal, quis apresentar também dois pequenos vídeos, baixados<sup>14</sup> da internet sobre jogos de futebol. Um retratando o futebol feminino e outro, o masculino. As crianças assistiram e teceram alguns comentários, dentre eles uma gíria pertencente a manifestação estudada. Uma criança disse que a jogadora era perna de pau.

Aproveitei a exibição do vídeo para que as crianças fossem identificando no jogo os acontecimentos e que fizessem algumas nomeações, então, em alguns momentos, interrompia o vídeo para que indicassem como se chamava determinada ação que estavam assistindo. Algumas delas conseguiram identificar somente ações como gol e quando o árbitro marcava falta, entretanto outras crianças identificavam também o gol, pênalti, goleiro, árbitro com o nome de juiz, e nomeavam o passe e chute como a mesma coisa. No futebol feminino, as crianças não reconheceram nenhuma jogadora, já no masculino conseguiram identificar o Neymar e que um dos times era o Santos Futebol Clube.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tIIvt9pAl9c&feature=related> acesso em: 12/06/2010.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aK0G6MNyZr8&feature=related> acesso em: 12/06/2010

Tendo o subsídio do vídeo dialoguei novamente com as crianças a respeito das cores, apontando que não era azul a roupa dos jogadores, como também não era rosa a roupa das jogadoras e a bola era de cor predominante branca e a partir daí os argumentos foram surgindo. Disseram que a roupa não era rosa porque era da seleção, e também porque segundo algumas crianças, elas estavam com roupas de jogador. Com isso busquei evidenciar que as cores utilizadas não são determinadas de modo diferente entre homens e mulheres.

Pensando na legitimação de uma Educação Infantil que possibilita a valorização dos sujeitos e do processo educacional, foi pertinente considerar objetivos de promoção da ampliação da consciência social e crítica dos envolvidos. Assim, desenvolvendo atividades pedagógicas que fomentem o diálogo, ações de validação das aulas como espaços de participação. Promovi alguns questionamentos e oportunidades para que as crianças manifestassem suas opiniões, socializem idéias, ampliassem e aprofundassem seus conhecimentos.

No que tange às cores, de modo geral, alguns meninos falaram que eles podem brincar com qualquer cor, discurso semelhante foi o das meninas, entretanto, apesar disso nas práticas pouco se admitiu esta experiência.

### Algumas considerações

Após o trabalho realizado torna-se mais nítido observar os caminhos trilhados, o que permite olhar para as escolhas e perceber que poderia ter conduzido-o de outras maneiras, entretanto, fazer essa análise evidencia a prática pedagógica como uma construção que ocorre engendrada em múltiplas relações. Vivenciei uma didática reflexiva de busca e compreensão a partir das necessidades surgidas.

Vários foram os fatos que mereceram reflexões, uma vez que estes interferiram na realização do trabalho, que neste caso buscava legitimar a Educação Infantil como algo sem relevância pedagógica. De modo que tive que atentar para algumas questões que perpassaram a prática docente, as quais passo a evidenciar a seguir.

Considerando que anterior a este trabalho não havia lançado um olhar atento a esta etapa, mantendo-me numa posição que permitia um distanciamento destas questões que atravessam a Educação Infantil, admito muitas dificuldades, sobretudo inicialmente. Deste modo, sua realização permitiu pensar sobre o contexto ao qual está imerso a

Educação Infantil e a ideologia que se faz subjacente a ela neste Município, trazendo à luz desta discussão o questionamento sobre as interferências pedagógicas objetivadas para este nível de Educação. Dentre elas a maneira que seus profissionais são reconhecidos e legitimados diante do corpo docente e também nos documentos, e outra reflexão proporcionada por essa experiência pedagógica coadunam com a legitimidade da infância na escola, a necessidade de observar as crianças como produtoras de cultura e por fim como a condução do trabalho foi avaliada.

Pensei inicialmente em uma prática pedagógica que buscasse romper com aquele ideário pedagógico que subjuga a Educação Infantil, entretanto, ao longo do trabalho fui notando que este ideário docente não estava atrelado somente as relações que se apresentam nos documentos legais verificados. A construção deste ideário também dialoga com as questões que se entrecruzam ao ensino fundamental neste município, que tem atribuído às questões de alfabetização<sup>15</sup> e as questões do raciocínio lógico-matemático<sup>16</sup>, conteúdos postos à prova nos exames como SARESP<sup>17</sup> e Provinha Brasil grande valorização, então como a Educação Infantil e suas profissionais não estão presas a essas lógicas, adquirem representação inferior. Ao estabelecer a necessidade desta desestabilização, acredito ter desconsiderado as inúmeras relações constituintes deste processo.

Outra reflexão possibilitada pelo trabalho versa sobre o questionamento da relevância do brincar em seu modo utilitário do desenvolvimento infantil como apontado por Lemos (2007) o qual em decorrência de uma configuração da sociedade capitalista, o brincar e seu uso na educação se configuram como mais um instrumento que permite vigiar continuamente as crianças, identificando os tempos e os modos que as crianças brincam, sendo organizado e dirigido com fins bem delimitados. Lemos (2007, p. 87).

Assim, é pertinente pensar na necessidade de dialogar com as crianças e seus contextos culturais abrindo caminho para repensar o processo educacional firmado nos

---

<sup>15</sup> Fato que evidencia esta preocupação é apontado pelo PIC (Programa Intensivo no Ciclo), onde este programa tem o objetivo de alfabetização, sendo que no início do ano letivo de 2010 em todas as unidades escolares as crianças da terceira série com defasagem de alfabetização foram condicionadas em uma sala e se tornaram ingressas deste programa.

<sup>16</sup> Preocupação demonstrada com a criação do projeto jogos pela SMECEL, onde as crianças participantes são indicadas pela professora da sala, tendo como critério de escolha para participação a defasagem em matemática.

Em ambos os casos foi providenciado pela SMECEL um material didático e para-didático específico.

<sup>17</sup> Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

princípios fundamentais da psicologia onde os processos de assimilação e acomodação dificilmente são questionáveis. Pertinente pensar em uma Educação e em uma Educação Física que não fiquem presas em sistemas fechados de desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

Essas reflexões tornaram-se para mim ferramentas avaliativas desta minha didática, entretanto, solicitei também uma avaliação da coordenadora pedagógica da unidade escolar como meio de verificar os impactos da prática na unidade, se é que elas ocorreram, onde ela aponta: *“Acredito que por parte das professoras das suas turmas do infantil a avaliação é bem positiva. O que conversamos em relação ao seu trabalho com as crianças é que a sua proposta é diferenciada e muito pertinente, em sua prática é possível constatar um grande preocupação com as relações que se estabelecem no grupo, entre as próprias crianças, entre você e as crianças, entre as crianças e a educação física, entre as crianças e brinquedos/brincadeiras, entre as crianças e a escola, as crianças e outros contextos sociais”*.

Esta avaliação, embora passível de algumas interpretações, sobretudo quanto aos chamados aspectos positivos, considerou as aulas em sua pertinência enquanto atividade pedagógica. Apontou ainda, que esta prática não produziu inquietações na escola, mas as representações das professoras e as crianças da Educação Infantil sobre a Educação Física estão se construindo a partir de uma prática de respeito ao contexto cultural a qual a criança está inserida.

Assim, penso ter direcionado um trabalho onde está sendo possível caminhar com cuidado, atenção, carinho, aconchego, sem deixar de lado as necessidades básicas de higiene e saúde da criança, mas existe também evidências de que as crianças podem fazer apropriações, construções, argumentações e inferências sobre as práticas corporais. Evidências que foram notadas diante dos diversos textos, dos diálogos estabelecidos com a turma, dos questionamentos, das diversas formas de participação na manifestação do futebol, nos momentos que foram abordados as questões de gênero e identidade revelados pelos interesses diante das cores da bola.

Este breve relato aponta fragmentos de uma prática que buscou valorizar a expressão cultural, promoveu uma ampliação e aprofundamento da manifestação futebol, como também propiciou lidar com as questões que emergiram e foram se enredando as práticas, propiciando tratar de questões identitárias e de gênero com crianças de três anos de idade.

## Referencias

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da família\_ 2ª Ed.** Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

CORAZZA, SANDRA (2002), “**Era uma vez...Quer que conte outra vez? - As gentes pequenas e o individuo**”, in GARCIA, R. L, (org.), *Crianças essas conhecidas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: DP&A, 31 - 52.

LEMOS F.C.S. **A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças.** Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a08.pdf>>\_ Acesso em 18/10/2010.

MACEDO, E.E. **Educação Física na perspectiva cultural: análise de uma experiência na Creche.** Disponível em <<http://www.teses.usp.br/tesesdisponiveis/48/48134/tde-20042010-163021>>. Acesso em 02/06 2010.

VÁRZEA PAULISTA (2009). **ORGANIZAÇÃO CURRICULAR - Proposta de trabalho pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Paulista, SMECEL.**